

Com. Brasil

Sabedoria da Sociedade

JORNAL DO BRASIL

30 AGO 1993

No momento em que o governo nem bem começou a arrecadar o IPMF e já acena com novo aumento de impostos para 1994, com a criação da alíquota de 35%, as autoridades podiam estudar com atenção a pesquisa do Instituto Databrasil sobre o que os cariocas pensam da política fiscal e de outras medidas na área econômica.

Para começar, é consenso de 52% dos cariocas que a inflação deve ser combatida sem choques. A esmagadora maioria, com mais de 16 anos, ouvida na pesquisa — 86% — foi direto ao assunto: para a inflação cair é preciso que o governo aperte o próprio cinto, cortando os próprios gastos, a ineficiência e os desperdícios de dinheiro público, que geram o déficit fiscal que alimenta a inflação.

O debate em torno da política salarial produziu um curioso paradoxo: apesar do desconforto da população com a alta contínua dos preços, as opiniões se dividiram quanto à influência do reajuste mensal de salários na realimentação de expectativas inflacionárias: 44% acham que o salário influi; 43%, que não. Mas a pressão contínua da alta dos preços no achatamento da renda faz com 81% dos entrevistados defendam o controle de preços como forma de brechar a inflação. A ilusão sobrevive no caso específico por influência da cama mais pobre e desprotegida de qualquer anteparo contra a inflação.

A maioria de 58% também considera a privatização das estatais medida indispensável à redução da inflação, contra apenas 23% que

defendem as estatais. Isto significa uma clara percepção da sociedade brasileira de que tudo o que representa intervenção do Estado acaba saindo mais cara na vida do contribuinte. Ainda assim, 79% acham que, se todos pagassem impostos, a inflação seria menor.

A combinação dessa opinião com a indicação de que 86% consideram que o combate à inflação deve começar pela contenção dos gastos do governo não poderia traduzir recado mais claro da aversão da sociedade à criação de novos impostos ou novas alíquotas, antes que o próprio governo assuma o controle absoluto sobre as despesas do Estado.

Enquanto o governo não souber exatamente onde, quanto e por que gasta, não terá autoridade para exigir mais sacrifícios da sociedade sob a forma de mais impostos. O governo ainda não sabe, mas a sociedade já decidiu o que quer: um Estado menor e mais eficiente na área social para não pesar tanto no seu bolso.

A pesquisa também remete a questão para a responsabilidade dos políticos em relação à inflação. Para os entrevistados, os políticos são os que mais lucram com a inflação, com 21% das opiniões, superando os corruptos (20%), o próprio governo (18%) e os bancos e as multinacionais, com 15% cada. Para a sociedade, o setor público, com 39%, supera o setor privado (33%) como beneficiário da inflação.

A sociedade está cansada de soluções de curto prazo e pede medidas estruturais profundas. Das quais não fazem parte, obviamente, alterações cosméticas de impostos.